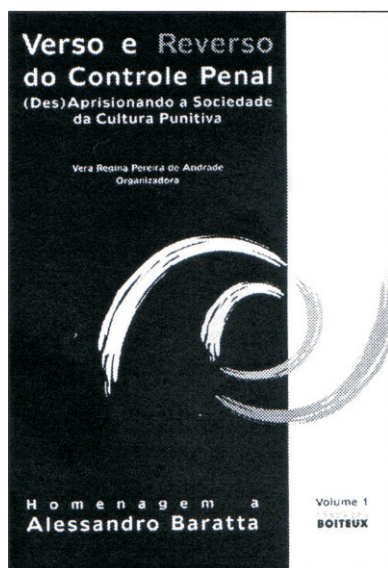


Resenha da obra Verso e Reverso do Controle Penal – (Des)Aprisionando a Sociedade da Cultura Punitiva, de Vera Regina Pereira de Andrade (Org.). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2002, vol 1, 216 p, vol 2, 224 p.



Trata-se, o presente livro, de uma homenagem brasileira e, em especial, do Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, ao italiano Alessandro Baratta, reunindo, em dois volumes, um total de 24 trabalhos, sob organização da Professora Vera Regina Pereira de Andrade.

Partindo da premissa de que homenagear Alessandro Baratta na extensão merecida pelo legado de sua práxis é uma tarefa que somente a história pode realizar em plenitude, e de que sua notoriedade planetária, sobretudo como criminólogo crítico, deve ser ultrapassada para captar o cientista genuinamente inter-

disciplinar, o ser humano sem adjetivações possíveis e, acima de tudo, a radical coerência entre o homem e a obra, entre a *palavra viva* e a *palavra vivida* (Octávio Paz), o livro dimensiona o tributo de Alessandro Baratta como referência epistemológica e humanista ímpar para a civilização ocidental. Concretizando, genuinamente, uma ética da *alteridade*, a saber, a capacidade de viver comprometido com o *outro*, sejam pessoas ou povos, próximos ou anônimos, sem nunca tratá-los como estrangeiros; falando em seu nome sem nunca pretender roubar-lhes a voz, incansável foi sua militância humanista emancipatória no eixo Europa-América Latina, com especial travessia pelo Brasil, e junto ao CPGD/UFSC, onde, entre inúmeras estadas, honrou a instituição na condição de Professor visitante, no ano de 1995, sob patrocínio do CNPq. Tido como o mais brasileiro e o mais latino dos acadêmicos europeus, foi, de fato, histórica sua aliança científica e afetiva com a América Latina, onde participou de incontáveis atividades de ensino, pesquisa e extensão nas mais diversas instituições, fazendo ger-

minar, com a fecundidade de sua obra, com a singularidade de sua existência e com a força de sua energia vital, as sementes dignificadoras da emancipação humana.

“Cidadão mestiço de um Estado plural” (categorias de sua obra) essa vivência em respeito à dignidade e emancipação do *outro* fez dele um homem não apenas respeitado pela envergadura da obra científica – assim comprometida – mas amado e concebido como referência de vida para a humanidade; a mesma humanidade que sua morte, em 25 de maio de 2002, deixou irreversivelmente enlutada. Mas ainda que a presente publicação tenha sido concluída simultaneamente à sua morte, não estamos diante de uma homenagem póstuma, mas de uma homenagem concebida em sua vida e para a vida. Até porque, Alessandro Baratta é essência, e as essências se perpetuam, na transcendência da imortalidade, como pedagogia e luz, que só faz dignificar a existência.

O livro procura, pois, retratar um pouco de sua fecunda lição de vida; apreender a exuberância de seu trabalho científico-militante. Nessa esteira, se a lupa dos autores centra o foco, como não poderia deixar de ser, no núcleo criminal (controle penal, sistema penal, criminalidade e criminalização, vitimação e impunidade, pena, políticas criminais, segurança pública e urbana) referenciado à obra de Baratta – e é sobretudo através da Criminologia crítica e da obra de mesmo nome que é mais conhecido no Brasil – há um movimento de captura da interdisciplinariedade e do universo, muito mais amplo e estrutural, em que o discurso punitivo se inscreve em sua obra e para além dela. Essa captura, se no plano epistemológico vai da História à Filosofia e à Teoria do Direito para desembocar no campo da Sociologia e da Criminologia Crítica, da Dogmática e da Política Criminal; no campo temático, circunscreve os grandes temas da globalização, neoliberalismo, sistema econômico e financeiro, Estado *versus* sociedade civil, democracia, cidadania e direitos humanos, participação, Estado democrático de Direito e Constituição, ecologia, relações de gênero, infância e adolescência, minorias e discriminação, drogas, tortura, lutas sociais, etc.

A tensão explicitada ao longo dos escritos, e no marco dos espaços do controle social e penal, não é outra senão a tensão emancipação/regulação; os temores e advertências não são outros que os relativos aos riscos totalitários da expansão tecnocrática e eficientista do controle penal: riscos para a

democracia, a cidadania e os direitos; riscos para a dignidade humana. Os resgates vão sem dúvida no sentido da reafirmação das promessas constitucionais e do Estado democrático de Direito; os resgates buscam caminhos para concretizar, no processo, as promessas não cumpridas da modernidade. Aí então se visualiza, nessa vigorosa heterogeneidade, um grande fio condutor; um grande signo de unidade, que constitui, como se sabe, o próprio desiderato da Criminologia Crítica: a necessidade de ultrapassagem ou superação da cultura e da engenharia punitiva e da dor e das mortes que tem arrastado consigo; a necessidade da sementeira de novos caminhos, da fecundação de novos mecanismos de enfrentamento das conflituosidades e da violência. Caminhos e mecanismos comprometidos com o homem (ser humano) a vida e a dignidade e não com a espiral do “sistema”. No centro do deslocamento, encontra-se, sem dúvida, o necessário movimento de minimização dos potenciais genocidas da criminalização *versus* maximização dos potenciais vitais e democráticos da cidadania.

Daí **Verso e reverso do controle penal** – (des)aprisionando a sociedade da cultura punitiva. Reverter os potenciais genocidas da cultura punitiva é parte, pois, da luta estrutural pela defesa dos direitos humanos e pela construção da cidadania. O caminho, à evidência, se encontra majestosamente simbolizado no *cidadão do mundo-cidadão mestiço* que ora se homenageia. Obrigada Alessandro Baratta!